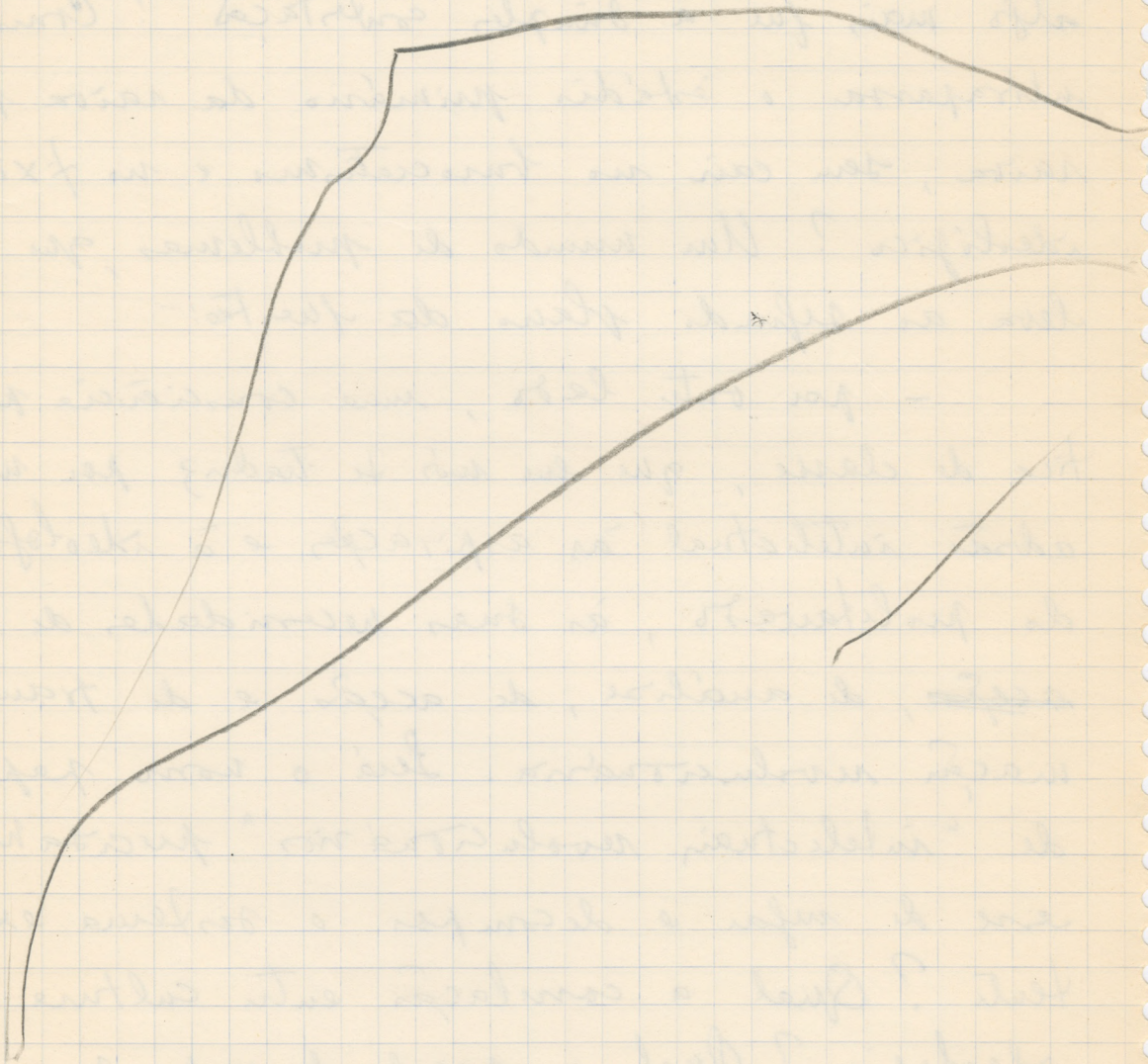
19/3/68

Acho que devemos tentar esquematizar o nosso artigo sobre a dualidade, ou oposição dialética, que existe entre:

— por um lado, a contestação total e absoluta (moral) dos valores existentes, valores da classe burguesa, e a expressão desta contestação numa "estética da raiva", que se procuraria definir quanto possível — problema vastíssimo pois coloca-nos perante uma série interminável de análises e de opções: Brecht ou não, e porquê? teatro épico? Como sintetizar Marx, ~~e Rimbaud~~, Engels, Lenine, Mao — com Rimbaud, Lautréamont, Michaux, Lapelli, etc? Como colocar Fidel e Guevara? Como colocar Boris Vian? Como (cf. Cabral) solucionar o desespero com a análise do desespero (a crítica do desespero), a raiva com a crítica da raiva? a explosão generalizada e destruidora, com a organização e o controle da própria explosão e dos seus efeitos?

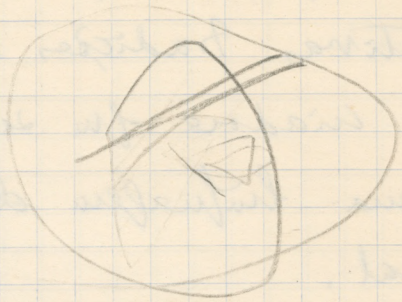
Como distinguir e fazer coadjuvar a relação da cultura valorística burguesa com uma análise política de classe – que abra o caminho para algo mais que a simples "contestação"? Como ultrapassar o estádio primário da raiva pela raiva, sem cair no burocratismo e no fixismo ideológico? Um mundo de problemas, que nos leva ao segundo plano da questão:

– por outro lado, uma consciência política de classe, que em nós se traduz por uma adesão intelectual às aspirações e à ideologia do proletariado, às suas necessidades de ~~acção~~, de análise, de acção e de transformação revolucionária. Será o novo papel de "intelectuais revolucionários" precisamente esse de minar e decompor o sistema existente? Qual a correlação entre cultura e ideologia? Qual o papel de cada uma e qual o novo papel ~~no meio~~ perante esse binómio?



Outra ideia que me interessaria discutir: o teatro, a canção, a linguagem — as suas respectivas tradições em Portugal. A actividade criadora que se impõe para a criação de uma linguagem de contestação de classe em Portugal.

Outra: (ligada à precedente): a nossa prática (experiência limitadíssima) e o seu possível significado. — Será o povo português um terreno virgem potencialmente para a sua possível adesão a formas de expressão estética novas? Podemos partir do princípio de que os "gostos" estéticos populares não são mais que estereótipos formais de mau gosto e vazios de uma contestação visionária de classe? Qual a possível reacção desse público perante uma peça em pânico que fosse no entanto suficientemente "clara" para dizer algo à sua ignorância secular?



Será a consciência de classe o "elemento" em que mergulha o seu subconsciente colectivo — bastando portanto a provocação catalizadora para fazer explodir essa energia secularmente contida. — ou devemos, pelo contrário, considerar que o tempo estratificou as ~~f~~ possibilidades de contestação do povo e que a sua libertação será necessariamente um longo processo de culturização que é <u>anterior</u> à explosão revolucionária?

Outra: seremos nós demasiadamente "teóricos" — e tornar-se-á um novo dilettantismo investigar ou tentar construir uma estética particular de contestação? uma estética de raiva? Será a raiva possível, em Portugal?